ISSN: 2358-8829

A LINGUAGEM LITERÁRIA EM MOVIMENTO: FORMAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO LEITOR

Daniela do Carmo Oliveira[1]
Adriano Eysen Rego[2]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui um recorte da dissertação de mestrado intitulada *"A linguagem literária no processo formativo dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental"*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A pesquisa emerge de inquietações e do desejo de compreendermos como a linguagem literária, em suas múltiplas manifestações, contribui para a formação humana, ultrapassando sua função meramente comunicativa para constituir-se como elemento fundamental na construção do conhecimento, na das identidades e no desenvolvimento do pensamento crítico. Nessa perspectiva, notamos que a linguagem literária não se limita à expressão de pensamentos e experiências, mas participa ativamente da produção de sentidos, influenciando a maneira como os sujeitos percebem a si mesmos, interpretam o mundo e estabelecem relações com a realidade que os cerca.

É nesse movimento de construção e ressignificação de sentidos que a literatura em prosa e verso assume particular relevância, uma vez que possibilita ao(à) leitor(a) ultrapassar os limites imediatos da palavra escrita ou narrada, estabelecendo relações entre o texto, sua cultura, identidade, saberes, experiências, memórias, sentimentos e percepções de mundo. A literatura, nesse horizonte, não se restringe ao ato de ler ou escutar histórias, mas constitui uma experiência estética e sensível, capaz de mobilizar emoções, despertar questionamentos, ampliar o imaginário e provocar diferentes maneiras de compreender a existência humana. Assim, o encontro com a palavra literária configura-se como um espaço de diálogo entre aquilo que o texto apresenta e os sentidos que cada sujeito constrói a partir de sua própria trajetória leitora e de mundo.

[1] Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, *Campus XIV*. E-mail:danycoord2023@gmail.com.
[2] Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPGED), da Universidade do Estado da Bahia-UNEB *Campus XIV*. E-mail: arego@uneb.br.

ISSN: 2358-8829

Partindo da compreensão de que a literatura possui uma dimensão humanizadora, reconhecemos que sua presença nos processos formativos ultrapassa a aquisição de competências relacionadas à leitura e à escrita. Ao possibilitar o contato com diferentes vozes, experiências e realidades, a linguagem literária favorece o exercício da sensibilidade, da imaginação, da reflexão crítica e do reconhecimento de si e do outro. Desse modo, as experiências com o texto literário podem constituir-se como um espaço de formação no qual os sujeitos não apenas interpretam, mas também encontram possibilidades de ressignificar suas próprias histórias e ampliar suas percepções acerca do mundo.

É a partir dessa compreensão que a investigação volta-se para os 08 estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilella, considerando que essa etapa da escolarização é atravessada por transformações, descobertas, questionamentos e processos de construção identitária. Nesse contexto, procuramos compreender de que maneira a linguagem literária, por meio das experiências de leitura e escuta, contribui para a formação dos estudantes, especialmente no que se refere à constituição de suas identidades, ao desenvolvimento do pensamento crítico e à ampliação do imaginário.

A investigação fundamentou-se nas contribuições de autores e autoras que, a partir de diferentes perspectivas, possibilitaram-nos compreender a linguagem em suas dimensões dialógica, estética, cultural e humanizadora. Entre eles, destacam-se Bakhtin (1992, 2010), Couto (2021), Candido (1988), Evaristo (2016, 2020), Jesus (2014), Krenak (2020), Queirós (2019, 2020) e Wolfgang Iser (1996), cujas reflexões contribuíram para a construção de um olhar sensível e crítico sobre a linguagem literária e suas potencialidades formativas.

Metodologicamente, a pesquisa ancorou-se em uma abordagem qualitativa participativa, por compreender que os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências não podem ser reduzidos a dados quantificáveis, uma vez que envolvem subjetividades, percepções, memórias e modos singulares de interpretar o mundo. Essa perspectiva possibilitou uma aproximação com as experiências vivenciadas pelos participantes, reconhecendo suas vozes e narrativas como elementos fundamentais para a compreensão do fenômeno investigado.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa participativa, considerando as possibilidades que essa perspectiva oferece para a compreensão das subjetividades, experiências e sentidos construídos pelos sujeitos em seus processos formativos. Para a produção dos dados, foram utilizadas rodas de conversa, que possibilitaram uma aproximação sensível com os participantes, constituindo-se como espaços de escuta, diálogo e partilha. Esses encontros foram atravessados por estímulos sensoriais, afetividade e acolhimento, favorecendo a expressão de memórias, sentimentos e percepções acerca das experiências vivenciadas.

Articulado às rodas de conversa, desenvolvemos o Laboratório de Criação Literária, espaço no qual os participantes foram convidados a produzir textos literários a partir das temáticas mobilizadas em cada encontro, permitindo que suas vozes, experiências e imaginários ganhassem expressão por meio da palavra. A investigação contemplou, ainda, entrevistas narrativas, que possibilitaram aos colaboradores revisitar suas experiências e compartilhar percepções, sentimentos e acontecimentos que, por diferentes razões, não haviam emergido nos momentos anteriores.

Participaram da pesquisa oito estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, reconhecidos não apenas como participantes da investigação, mas como sujeitos fundamentais na construção do conhecimento produzido. Suas vozes, narrativas e criações literárias constituíram a sustentação do percurso investigativo, reafirmando a importância de uma pesquisa que se constrói com os sujeitos, e não apenas sobre eles.

REFERENCIAL TEÓRICO

Movimentar para tocar: a linguagem literária circula, transita, habita diferentes espaços e tempos. É um movimento vivo, sensível, que alcança o(a) leitor(a) com palavras, linhas e páginas. Somente quem se deixa atravessar pela leitura é capaz de dimensionar a grandiosidade do que acontece nesse encontro**,** pois o efeito do texto realiza-se na mente e no corpo de quem lê. Literatura não se impõe: convida. E, nesse convite, propõe transformações sutis e, às vezes, profundas, conforme a abertura de quem a encontra.

ISSN: 2358-8829

Como aponta Wolfgang Iser (1996), “o texto só ganha vida quando é lido, e sua concretização depende da participação ativa do leitor”. Isso significa que a linguagem literária não é um corpo estático; ela pulsa conforme a sensibilidade de quem a lê. Cada leitor(a), ao preencher as lacunas deixadas pelo texto, movimenta-se interiormente e participa da criação de sentidos, reinventando a si mesmo(a) enquanto vive o ato da leitura. A linguagem movimenta o mundo e, nesse fluxo vital, convida o sujeito a adentrar num universo pulsante, onde a literatura oferece abrigo e espelho. Obras que atravessam classes sociais, dissolvem fronteiras e convocam a diversidade a experienciar a força alquímica da palavra. Nesse sentido, como afirma Bakhtin (2010), “a palavra é o território de um encontro. Todo significado vive de se expressar, vive do contato com o outro.” Como ressalta o autor, é nesse contato dialógico que a linguagem literária movimenta-se, reverberando vozes múltiplas e forjando sujeitos em constante reinvenção. Segundo Queirós (2012, p. 61-62):

> Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se entrelaçarem pelas interações. Esse abraço a partir do texto é soma das diferenças movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor. Cabe ao escritor estirar sua fantasia para, assim, o leitor projetar seus sonhos.

Nessa perspectiva, o movimento literário está intrinsecamente ligado à liberdade; esta que transita, desbrava e se reconhece nos territórios por onde passa. É no ir e vir das palavras, nas escolhas afetivas e nas rejeições, nos risos e nos silêncios, nos encontros e desencontros que a vida se movimenta. A literatura nos oferece esse caleidoscópio de experiências: apresenta histórias tristes, alegres e outras ainda em esboço, sem cor ou quase sem vida, mas todas com o potencial de nos ensinar. Ao mergulharmos em narrativas e versos, aprendemos a reconhecer a dor, a celebrar a beleza e, sobretudo, a perceber, ler e, por vezes, compreender a complexidade da vida.

Em uma sociedade na qual a palavra é viva e atravessa os povos em múltiplas formas e sentidos, a literatura enriquece e fortalece culturas, ampliando as possibilidades de vivência. Ela nos revela que a vida pode ser experimentada com maior leveza e que o peso da existência, embora inevitável, pode ser atravessado com beleza, humanidade e esperança. Trata-se não de romantização, mas de reconhecer e nomear os efeitos formativos da literatura no ser humano, pois nomear é garantir-lhe espaço, ainda que simbólico, no processo de constituição do sujeito.

ISSN: 2358-8829

A linguagem literária é um fenômeno que contempla a diversidade humana: é acolhimento, é espaço de resistência. Nela, as minorias ocupam tronos simbólicos, são reis, rainhas e produtoras de valores. Suas vozes não apenas ecoam, elas fundamentam mundos mais justos, onde as existências historicamente silenciadas são reconhecidas e ressignificadas.

Por isso, "é preciso atravessar as cascas e buscar batizar o ainda intocável pelo olhar" (Queirós, 2007, p. 13). As obras literárias produzem esse entrelaçamento: desassossegam para redefinir, resistir e existir. As camadas que o movimento literário é capaz de tocar são profundas, trata-se de uma força que possibilita caminhos terapêuticos, que invade o ser e provoca transformações, sutis ou radicais, em todos os campos da vida. Nessa travessia, a literatura resgata memórias, recompõe identidades e costura fragmentos da existência. Como nos revela Conceição Evaristo (2017, p. 12), no poema *A roda dos não ausentes*:

> O nada e o não,
> ausência alguma,
> borda em mim o empecilho.
> Há tempos treino
> o equilíbrio sobre
> esse alquebrado corpo,
> e, se inteira fui,
> cada pedaço que guardo de mim
> tem na memória o anelar
> de outros pedaços.
> E da história que me resta
> estilhaçados sons esculpem
> partes de uma música inteira.
> Traço então a nossa roda gira-gira
> em que os de ontem, os de hoje,
> e os de amanhã se reconhecem
> nos pedaços uns dos outros.
> Inteiros.

Nesse giro, a linguagem literária faz-se roda de afetos e reconstruções. Cada texto torna-se uma convocação ao pertencimento, um lugar onde a memória individual se entrelaça com a memória coletiva. Assim, como diz Queirós (2007, p. 28-29), "a palavra que me esconde, me revela; a palavra que me acusa, me perdoa; a palavra que me prende, me liberta". A literatura oferece, desse modo, mais do que narrativas e versos: oferece

ISSN: 2358-8829

abrigo simbólico. Nela, “o anelar de outros pedaços” permite que os sujeitos se reinventem e reexistam. Suas palavras duras, ásperas, densas, leves, perspicazes e intensamente humanas atuam no psíquico do ser: ora suavizam as dores, ora as intensificam, pois nem sempre estamos preparados para ouvir e sentir. Os desassossegos emergem, então, para revelar a fragilidade humana e a necessidade de palavras que venham de um outro, ainda que distante, capazes de incitar a ressignificação das experiências e a ampliação dos horizontes.

A roda gira em palavras, silêncios, histórias e afetos, e nos convida a girar com ela, inteiros, diversos e em constante reinvenção. Porque a vida, tal como a literatura, nos conduz por novos caminhos e nos oferece sempre outras histórias a viver. Como afirma Candido, (1988, p.89-90)

> o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade.

Na Antiguidade, o acesso à literatura esteve restrito a grupos sociais privilegiados, configurando-se como uma prática elitizada, vinculada à oralidade erudita e, posteriormente, à escrita formal. Assim, o consumo de textos literários era limitado e inacessível à maioria da população. Ao longo da história, grupos subalternizados, especialmente pessoas negras, mulheres e classes populares, tiveram seu acesso à leitura sistematicamente negado, não por ausência de cultura, mas por processos históricos de exclusão, silenciamento e deslegitimação de seus saberes.

Na contemporaneidade, a literatura passou a assumir uma dimensão mais ampla, alcançando a diversidade e impactando a formação dos sujeitos em diferentes contextos sociais. A circulação dos textos literários expandiu-se, atravessando fronteiras geográficas e culturais, fortalecendo seu papel social. No entanto, apesar dos avanços e das facilidades proporcionadas pelas tecnologias digitais, a literatura ainda não contempla a todos. Fatores como a falta de alfabetização, as desigualdades econômicas e as heranças de estruturas excludentes continuam impedindo que muitas pessoas tenham acesso efetivo às obras literárias**.** Diante desse percurso histórico, a literatura não se configura como mero passatempo; ela é refúgio, é arma e é ponte. Pois, conforme Candido (1988, p. 186),

> a literatura é um fator indispensável de humanização, porque confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício

ISSN: 2358-8829

> da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida.

Em meio à escassez de alimento e às duras travessias da vida, nossos antepassados produziam histórias que, por meio da linguagem, emanavam sabedoria ancestral e ofereciam alento. Com efeito, sinônimo de resistência frente às tragédias sociais, a linguagem literária oral ou escrita, manteve e ainda mantém vivas as comunidades que, mesmo enclausuradas para sobreviver, encontram na palavra o seu lugar de mundo, de memória e de esperança. Nesse contexto, a palavra dá contorno à existência e conduz a vida por caminhos menos dolorosos. O movimento que essa linguagem possibilita reforça a certeza de que a palavra é o elo que conecta, sustenta e transforma a vida. Como sublinha Krenak (2020, p. 36), "a palavra é o nosso primeiro território", é nela que construímos abrigo, lançamos sementes de futuro e resistimos ao esquecimento.

Território marca resistência. E a palavra é essa força que manteve gerações vivas. Quantos escritos emergiram como gritos de socorro em meio a guerras, censuras e perseguições. Quantas vidas foram sustentadas pela dor do outro; dor que também era a minha. Mesmo sangrando, a palavra salvou. E as melodias que produziam ruídos nos ouvidos dos carrascos eram, para a massa, o sopro do alívio, o som da esperança. Como sublinha Evaristo (2017), "a escrita é um ato político. Quem escreve assume um lugar no mundo." E é nesse lugar, atravessado por palavras, que seguimos inteiros, mesmo em pedaços.

Como nos diários de Carolina Maria de Jesus, que, entre o lixo e a fome, transformava o cotidiano em denúncia e poesia: "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome é professora." (Jesus, 2014, p. 52). Nesse gesto de escrever, Carolina convertia a escassez em potência, a dor em testemunho e a palavra em abrigo. Sua escrita é território de resistência, memória, justiça e humanidade. Com as linhas dos seus textos, ela bordou as dores diárias e ressignificou a vida.

Sua resistência pulsa na própria linguagem, que se transforma em movimento, denúncia e possibilidade de um outro mundo. Sobreviver à exclusão social foi, para ela, um tormento cotidiano, num país em que ser negra, pobre e favelada significava não ter voz nem vez. Mas, por meio da linguagem literária, Carolina rompeu com o silêncio imposto, (re)escreveu a sua história deu voz e vida a um povo historicamente humilhado e desvalorizado. Sua escrita crua fê-los viver e resistir.

ISSN: 2358-8829

Nesses termos, a linguagem literária movimenta-se pelo mundo em múltiplos sentidos, atravessando tempos, realidades, espaços e culturas. Tal movimento pode ser comparado ao curso de um rio, que percorre diferentes caminhos e se desdobra por meio da oralidade e da escrita: formas pelas quais, desde os tempos mais remotos, a linguagem humana constitui-se e se reinventa. Do contar histórias ao redor da fogueira até as primeiras escrituras nas paredes das cavernas, a palavra sempre significou o mundo. Com o tempo, aprimoraram-se os modos de dizer, mas a essência permaneceu, a linguagem continuou a significar e transformar vidas.

Por meio da diversidade cultural, a literatura transita entre línguas, territórios e modos de viver, revelando cosmovisões e aproximando mundos. Com efeito, ela permite que um(a) leitor(a) em Terra Branca[3] dialogue com um(a) escritor(a) dos Estados Unidos. Que um(a) aluno(a) do Dom Avelar[4] reconheça-se em um personagem africano. Esses encontros improváveis da literatura abrem janelas para o outro e espelhos de si. Por certo, a linguagem literária carrega a tradição; está nos ofícios e cânticos de Nossa Senhora, nos mitos e narrativas ancestrais. Mas também se reinventa: nos romances contemporâneos, nas *fanfics*[5], nos *slams*[6]. A literatura não apenas fixa o passado, ela reinventa o presente e antevê o futuro.

[3] **Terra Branca** é um povoado do município de Riachão do Jacuípe-BA, localizado na Bacia do Jacuípe. Trata-se de um lugar marcada pela diversidade natural, banhado pelo rio Jacuípe, cuja nascente se encontra no município de Morro do Chapéu. Em períodos chuvosos, é comum que os moradores relatem a sensação de isolamento, uma vez que o povoado se situa em uma região cortada por diversos riachos, além do próprio rio, o que dificulta o acesso à localidade. A comunidade é marcada por duas festividades anuais: a festa da padroeira, em louvor a ***São Domingos Sávio***, e a tradicional ***Festa de Vaqueiros e Fazendeiros.***

[4] A *Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilella* possui um quadro de funcionários composto por profissionais contratados, do Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) e efetivos. Trata-se de uma instituição que preza por uma aprendizagem de qualidade, desenvolvendo um ensino interdisciplinar e atuando de forma contundente no combate a todas as formas de preconceito.
A escola configura-se como um *símbolo de cultura viva* na comunidade, destacando-se especialmente no período junino e pela realização do desfile cívico, reconhecido pela sua organização e significado social. No ano de 2025, promoveu uma *Feira de Sustentabilidade*, que mobilizou a comunidade local e regiões circunvizinhas, fortalecendo o vínculo entre escola e território. Em todas as ações desenvolvidas, a instituição busca oferecer o melhor à comunidade, constituindo-se como um ambiente acolhedor, que pode ser compreendido como um verdadeiro espaço de formação.

[5] Narrativas ficcionais produzidas por fãs a partir de obras preexistentes, nas quais personagens, enredos ou universos ficcionais são recriados, ampliados ou ressignificados. Constituem uma prática contemporânea de leitura e escrita, amplamente difundida em ambientes digitais, favorecendo a autoria, a criatividade e o letramento literário.

[6] Modalidade de poesia oral performática caracterizada pela declamação de textos autorais em competições públicas. Originados nos Estados Unidos na década de 1980, os slams valorizam a oralidade, a expressão artística e o diálogo com questões sociais, culturais e identitárias, aproximando literatura, performance e participação coletiva.

ISSN: 2358-8829

Como afirma Couto (2009), “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”. Em sua força essencial, a palavra literária cumpre o papel de resistência e revelação: ela é raiz e asa, memória e reinvenção. E além disso, encontra-se intrinsicamente ligada às emoções humanas, à resistência e à transformação. Portanto, compreendemos a linguagem literária como uma força em movimento que forma, transforma e reinventa o sujeito e a sua condição num mundo forjado pela pluralidade da vida e pelo comportamento humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O percurso investigativo evidenciou que a formação humana não se restringe ao contato com obras literárias consagradas, mas se constitui nas relações que os sujeitos estabelecem com a palavra em suas múltiplas expressões. Nesse movimento, a literatura ultrapassou os limites do texto escrito, ganhou voz, corpo e sentidos nas experiências compartilhadas, despertando reflexões, mobilizando afetos, fortalecendo identidades e possibilitando novas maneiras de perceber a si mesmo e o mundo. Seus efeitos, entretanto, não se limitaram aos(às) estudantes, pois também atravessaram nossa própria trajetória.

Ao longo dessa caminhada, compreendemos que pesquisar é também permitir-se ser transformada pelas experiências e pelos encontros que constituem o processo investigativo. A escuta das narrativas, os silêncios, as palavras pronunciadas e aquelas que encontraram abrigo na escrita provocaram deslocamentos em nossas maneiras de compreender a literatura, a educação e a nós mesmos. Passamos a reconhecer com maior sensibilidade nossas próprias experiências, permitindo-nos sentir, escutar e compreender que a palavra não se realiza apenas na escrita, mas também na oralidade, no diálogo e nas relações que estabelecemos com o outro.

Assim, a literatura deixou de ocupar apenas o lugar de objeto de investigação para constituir-se como experiência viva de formação e humanização. Nas rodas de conversa e no Laboratório de Criação Literária, reconhecemos sua potência não somente nas vozes e produções dos(as) estudantes, mas também nas transformações que emergiram em nossa própria constituição como educadores(as), pesquisadores(as) e sujeitos em permanente formação. Nesse encontro entre palavras, memórias, afetos e experiências, aprendemos que a pesquisa não apenas produziu conhecimentos, mas também nos possibilitou novas formas de existir e de nos reconhecermos no mundo. Hoje, percebemo-nos mais

humanos(as), mais sensíveis às vozes que nos atravessam e mais conscientes de que formar também é deixar-se formar. Talvez resida justamente nessa transformação compartilhada um dos sentidos mais profundos desta investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo possibilitou-nos compreender que a linguagem literária ultrapassa os limites da leitura e da escrita, constituindo-se como uma experiência sensível, formativa e humanizadora. As vivências compartilhadas nas rodas de conversa e no Laboratório de Criação Literária evidenciaram a potência da palavra na expressão de sentimentos, na valorização das memórias, na construção das identidades e na ampliação das maneiras de perceber a si mesmo e o mundo.

Nesse movimento, Ecos, Afetos e Reinvenção apresentam-se como dimensões que atravessam a experiência literária. Os ecos ressoam nas vozes e narrativas compartilhadas; os afetos manifestam-se nos encontros, na escuta e nos vínculos construídos; e a reinvenção emerge das possibilidades de ressignificar experiências e construir novos sentidos para a existência. Entrelaçadas, essas dimensões reafirmam a literatura como espaço de sensibilidade, reflexão crítica e formação humana.

A investigação também evidenciou que os processos formativos não se restringiram aos(às) estudantes, mas alcançaram a própria pesquisadora. Ao escutarmos, acolhermos e compartilharmos experiências, compreendemos que pesquisar é também permitir-nos ser transformados(as). A literatura deixou de ocupar apenas o lugar de objeto de estudo para tornar-se experiência viva, atravessando nossa constituição como educadores(as), pesquisadores(as) e sujeitos em permanente formação.

Dessa forma, reafirmamos a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a literatura para além de sua dimensão instrumental, valorizando a leitura, a oralidade, a escuta e a criação como possibilidades de formação de sujeitos mais críticos, criativos e atuantes socialmente.

Por fim, notamos que a literatura não se encerra na última página de um livro, tampouco nas palavras pronunciadas durante uma roda de conversa. Ela permanece nos sujeitos, nos ecos das memórias, nos afetos construídos e nas possibilidades de reinvenção da vida. Afinal, a palavra que forma é também aquela que transforma, inclusive quem se

dispõe a escutá-la e tecê-la com criticidade e imaginação com o propósito de desbravar novos caminhos para uma convivência mais solidária e (eco)sustentável.

Palavras-chave: Linguagem literária; Formação humana; Humanização; Identidade; Experiência literária.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura.** In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. In: _____. *Vários escritos*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011. p. 75–90.

COUTO, M. **O universo num grão de areia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

EVARISTO, C. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

EVARISTO, C. **Pó de estrelas: crônicas e ensaios**. Editora Malê, 2016.

JESUS, C. M. d. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, 2014.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 36.

QUEIRÓS, B. C. d. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. São Paulo: Global, 2019.